

**SOLIDARIEDADE E APARÊNCIA DE SOLIDARIEDADE: A IRONIA  
NO CONTO “A CAUSA SECRETA”**

*Daniela Freitas Torres<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Este estudo analisa o conto “A causa secreta”, de Machado de Assis, cujo enredo gira em torno do personagem Fortunato, que se mostra uma figura muito solidária perante os outros, mas na verdade, essa abnegação revela-se como uma grande ironia ao longo do texto. Aborda primeiramente, a questão da solidariedade sob o prisma de diferentes visões, desde o conceito cristão até algumas abordagens da sociedade atual para esse assunto, observando a presença desse sentimento nas ações do personagem Fortunato. A seguir, é colocado em pauta o tema ironia e sua presença na literatura, bem como suas implicações na obra machadiana e, em especial, no conto estudado. Posteriormente, apresenta-se uma breve abordagem sobre sadismo, seus conceitos e sua relação com a “causa secreta” presente no conto. A partir daí estuda-se a relação entre a questão de a solidariedade ser apenas uma aparência, utilizada para esconder o sadismo, que seria o elemento central da constituição psicológica do personagem Fortunato. Para concluir, mostram-se as reflexões possíveis em relação à condição humana que podem ser proporcionadas a partir da leitura de “A causa secreta”, evidenciando a incompletude humana que, sendo reconhecida e aceita pelo leitor, poderá levar a um trabalho de autoconhecimento.

**Palavras-chave:** Solidariedade. Ironia. Machado de Assis.

**UMA CAUSA SECRETA**

O conto “A causa secreta”, de Machado de Assis, desenvolve-se, basicamente, em torno de três personagens: Garcia, um jovem médico; Fortunato Gomes da Silveira, capitalista, morador em Catumbi e sua esposa, Maria Luísa; uma criatura frágil e submissa ao marido.

Garcia e Fortunato já haviam se cruzado algumas vezes, mas o encontro que os aproximou de fato foi realizado quando o capitalista prestou socorro a um jovem que havia sido atacado por capoeiras. Esse jovem era vizinho de Garcia e, assim, o então estudante de medicina, teve a oportunidade de participar e assistir os cuidados que Fortunato teve para com o doente sem mesmo o conhecer.

Dias depois, o doente foi ter com Fortunato para agradecer-lhe os préstimos, mas teve o desdém de seu benfeitor como resposta. Mais alguns encontros casuais após esse incidente e Fortunato e Garcia tornaram-se amigos de fato. Garcia, já formado médico, passou a freqüentar a casa de Fortunato e lá conheceu a esposa do amigo, que assim está descrita no conto:

Maria Luísa é que possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove. Garcia, à segunda vez que lá foi, percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido, uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 514).

No mesmo jantar em que essa figura de Maria Luísa é apresentada, é lançada a idéia de os dois amigos fundarem uma casa de saúde. Em pouco tempo o plano foi posto em prática e a dedicação e a solidariedade de Fortunato para com os doentes da casa encantava a todos:

Aberta a casa, foi ele [Fortunato], o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas. Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da Rua de D. Manuel não era um caso fortuito, mas assentava na própria *natureza* deste homem. Via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações e nenhum outro curava os cáusticos. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 515 – grifo da autora).

A intimidade cresce entre o médico e o capitalista e com isso Garcia torna-se familiar na casa. Essa aproximação fez com que o médico observasse mais atentamente a figura de Maria Luísa, “cuja solidão moral era evidente” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.515):

A solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela ou tocava o piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as cousas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 515).

A compleição nervosa da mulher parecia acentuar-se e Garcia começou a observar que o estado de saúde dela não parecia bom. Até que, em certa ocasião, Garcia presenciou a seguinte cena:

Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, cuja ponta pendia um rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava uma das patas; em seguida desceu o infeliz até à chama, rápido para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. [...]

Fortunato cortou a terceira pata e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado, chamuscado e não acabava de morrer. [...]

Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo, pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida. [...]

A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Ao final, deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.516-517).

A partir dessa passagem, Garcia observa certo ar de prazer no olhar do amigo perante o sofrimento, tanto do rato quanto da mulher, amada de forma secreta pelo médico. Passado pouco tempo, descobre-se que Maria Luísa está com tuberculose. O marido, muito *solidário* “não poupou esforços, médicos, remédios, ares, todos os recursos e todos os paliativos. Mas tudo foi em vão. A doença era mortal” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 518).

Durante o velório de Maria Luísa, Garcia tenta beijar a testa da defunta e acaba explodindo em lágrimas. A cena é observada por Fortunato com imensa satisfação, pois aquela dor moral, secretamente, propiciou-lhe mais prazer que assistir às dores físicas. A causa secreta, descrita no título, pode ser revelada então como o espírito sádico do capitalista.

#### ***AMAI-VOS UNS AOS OUTROS COMO EU VOS AMEI*** (João 13,34)

É através do fio condutor da solidariedade abordada pela perspectiva irônica que se pretende analisar o conto “A causa secreta”, de Machado de Assis. Para tanto, far-se-á uma incursão teórica sobre o que é solidariedade e o que é ironia e a presença desses dois aspectos no conto citado. Também serão incluídas aqui, considerações sobre o sadismo, que se manifesta através da figura de Fortunato, acentuando o caráter irônico desse texto machadiano, uma vez que esse personagem é apresentado ao longo do conto como um

exemplo de pessoa solidária, o que se torna incoerente quando são analisadas as atitudes do capitalista ao longo da narrativa e, em especial no desfecho do texto, que mostra a real personalidade desse homem.

Partindo desses pressupostos, primeiramente, iniciar-se-á um estudo sobre o conceito de solidariedade, através de diferentes óticas. Dentro desse contexto, uma apresentação da visão cristã em relação a esse tema torna-se relevante. Conforme expresso em João (13,34-35), ser solidário é um ensinamento trazido por Deus. Ele nos ensinou que devemos amar o próximo, sem questionar ou esperar algo em troca, conforme expresso na seguinte passagem bíblica: “Dou-vos um ensinamento novo; que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que são meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”.

Assim, dentro do cristianismo, a solidariedade é vista como um ensinamento divino que deve ser internalizado pelos seres humanos. É “obrigação” do bom seguidor dos ditos bíblicos amar e se dedicar ao próximo. Esse é o comportamento exigido e esperado daqueles que seguem a visão cristã. Ser solidário é, aqui, um fator independente de vontade.

Sponville (1995) considera que a solidariedade é um estado de alma e remete a uma espécie de coesão, de interdependência que une os seres. Transportando o conceito desse estudioso para o conto analisado, seria Fortunato que aparentemente apresentava esse comportamento de ligação, de relação mútua com os doentes.

Para Rorty (2007, p. 311) “a forma filosófica tradicional de explicitar o que queremos dizer com ‘solidariedade humana’ é afirmar que há algo em cada um de nós – nossa humanidade essencial – que repercute a presença dessa mesma coisa entre outros seres humanos”. Desse modo, a solidariedade seria um fator inato e todos aqueles que são humanos trariam essa herança consigo.

Baseando-se nessas considerações, é possível inferir que o personagem Fortunato, a um primeiro olhar, seria um exemplo de solidariedade pois o mesmo demonstrou, através de diversas atitudes, uma dedicação extrema ao próximo. Entretanto, como explicar o fato de esse mesmo personagem, que cuidava com tanto afincamento dos doentes ser ao mesmo tempo um torturador de animais e grande apreciador do sofrimento alheio? Entra aqui uma outra questão: a ironia.

## IRONIA

Tendo em vista que “A causa secreta” apresenta vários indícios da presença de ironia, principalmente através das ações de Fortunato, torna-se necessário um aprofundamento sobre essa questão. Para tanto, serão apresentadas aqui algumas considerações sobre o que significa e ao que leva o termo ironia. É importante ressaltar que na presente pesquisa, considera-se que a ironia não pretende levar a respostas e sim a reflexões.

Kierkegaard (2005,) afirma que o conceito de ironia fez sua entrada no mundo com Sócrates e que a mesma encarna a pergunta sem a resposta. Dessa forma, infere-se que usar a ironia não é uma tarefa fácil, pois exige autoconhecimento e reconhecimento de nossas próprias limitações. Assim, um ser humano ironiza sua própria condição de incompletude e imperfeição, sendo que essa ironia pode apresentar-se sob diversas formas artísticas, em especial na Literatura que, de acordo com Muecke (1995, p.19), “sempre teve um campo incomensurável onde se observar e praticar a ironia”. O mesmo autor argumenta:

A ironia [...] é a forma da escritura destinada a deixar aberta a questão do que pode significar o significado literal: há um perpétuo diferimento da significância. A velha definição de ironia – dizer uma coisa e dar entender o contrário – é substituída; a ironia é dizer alguma coisa de forma que ative não uma mas uma série infindável de interpretações subversivas (MUECKE, 1995, p. 48).

Seguindo as idéias de Muecke (1995), é possível observar que o personagem de Fortunato parece pretender deixar “aberta a questão do significado literal”, ou seja, através desse homem, aparentemente tão dócil e solidário, mas que ao mesmo tempo é sádico, é possível evocar uma série de interpretações que são contrárias a essa: ou seja, a solidariedade era só uma *aparência de*. Assim, Machado de Assis, possibilita ao leitor uma oportunidade de refletir sobre sua própria condição humana, através das ações de Fortunato. É a ironia o elemento veiculador que deve promover essa reflexão de que nós, na verdade somos tão duais quanto o personagem machadiano.

## SADISMO

Conforme Barthes (1979), o termo sadismo está associado ao Marquês de Sade, que foi um aristocrata francês e escritor. Sua obra, marcada pela pornografia violenta e pelo desprezo dos valores religiosos e morais, fez com que surgisse, a partir de seu nome, o termo médico sadismo, que define a perversão sexual de ter prazer na dor física ou moral do

parceiro ou parceiros. Sade produziu obras com forte presença de violência, assassinatos, mutilações, pedofilia e outros tipos de violência que apareciam como forma de obtenção de prazer.

Várias passagens do conto “A causa secreta” remetem à presença de um tom sádico na personalidade de Fortunato. Foucault (1985) também associa o sadismo a uma forma de obtenção de prazer sexual, com envolvimento de algum tipo de violência. No conto estudado, o indivíduo sádico encontra prazer não através de ato sexual e sim na observação de outros tipos de suplícios, principalmente no sofrimento moral.

Assim, o sadismo configura-se nesse texto machadiano através das atitudes de Fortunato, que assistia a peças de teatro violentas com atenção “singular”, ou então quando auxiliou nos cuidados de um desconhecido com especial atenção aos momentos de dor ou ainda nos serviços realizados por ele na casa de saúde, observando passo a passo o sofrimento dos doentes. Além dessas oportunidades, o prazer mórbido de Fortunato atinge seu ápice quando observa a dor que o amigo Garcia sente ao ver seu amor secreto, Maria Luísa, morta dentro do caixão. Nesse momento, o capitalista sente uma exaltação singular, causada pelo sofrimento moral do amigo.

Somadas a essas passagens, a transcrição da tortura meticulosa de um rato serve como elemento confirmador do tom sádico desse personagem. A forma como ele martiriza o animal demonstra uma acentuada crueldade, digna de um algoz conhecedor dos métodos de suplício. A preocupação em não deixar o animal morrer de imediato demonstra que através desse ato, existia algo muito além de uma simples vingança pelo fato de o rato ter lhe roubado alguns papéis. Mais do que isso: Fortunato desejava apreciar o sofrimento da criatura, de maneira longa e demorada, do mesmo modo que fazia na casa de saúde ou até mesmo durante a doença de sua esposa, Maria Luísa.

## SOLIDARIEDADE X APARÊNCIA DE SOLIDARIEDADE

Ao se analisar o título “A causa secreta”, pode-se inferir que essa causa era o atendimento de um prazer perverso, que Fortunato sentia ao presenciar os outros sofrerem, o que se configura como ironia: a solidariedade aparentada por esse personagem não é compatível com seu gosto pelo sofrimento do próximo. É através desse prisma que pode apresentar-se a idéia de ironia.

A partir dessa análise, pode-se observar que a ironia em “A causa secreta” cumpre o papel de levar o leitor a refletir sobre o caráter humano: era mais importante *parecer* do que

*ser* solidário. Assim, o comportamento de Fortunato, de homem bondoso e dedicado, na verdade nos revela a hipocrisia do ser humano: na fachada o objetivo é cuidar dos doentes e mostrar isso a todos; no interior o que existe é a satisfação secreta de sentir prazer através da doença e do sofrimento.

Outras passagens do conto revelam a personalidade de Fortunato, como no trecho em que Garcia relata o entusiasmo que o personagem demonstrava ao assistir uma peça teatral de terror:

Uma noite, estando nas cadeiras, apareceu ali Fortunato, e sentou-se ao pé dele. A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos, mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo Beco do Cotovelo, Rua de S. José, até o Largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 512).

Dessa forma, nota-se que Machado vai deixando “pistas” no decorrer de seu texto para construir uma identidade para o personagem Fortunato. Nessa formação, o leitor percebe incoerências entre as atitudes dessa figura. Entretanto, o que prevalece, apesar das atrocidades cometidas por ele - sentir prazer no sofrimento dos doentes, torturar animas – é a figura de homem solidário com os outros.

Essa análise pode ser aprofundada se for considerada a seguinte passagem, quando Fortunato, auxiliado por Garcia, socorreu um homem que havia sido ferido por capoeiras:

A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo, ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. [...] A sensação que o estudante recebia era de repulsa e ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 513).

Nesse trecho, observa-se um Fortunato muito solidário, curando os ferimentos de um homem que nem ao menos conhecia. Mas é esse mesmo Fortunato que trata com indiferença o enfermo que após estar curado procura o capitalista, para agradecer-lhe o benefício. Além de humilhar o homem, o sadismo de Fortunato revela-se ainda mais profundo quando ele relata a visita de agradecimento:

No fim contou ele próprio [Fortunato] a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silêncios, em suma, um

estúrdio. E ria muito ao contá-la. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e oblíqua; o dele era jovial e franco. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 514).

Ao longo do conto, outras passagens remetem à personalidade dual de Fortunato. Se ele “servia como nenhum dos fâmulos aos doentes” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.515), ao mesmo tempo ele “metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar ratos e cães”.

Além dos cães e gatos, o trecho em que o capitalista tortura um rato é bastante contrastante com a aparência tão solidária de Fortunato. Um homem tão bondoso demonstra “um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas” (MACHADO DE ASSIS, p. 516) ao arrancar, vagorosamente, uma das pernas do animal.

Essa cena, que deixou Maria Luísa muito nervosa, foi apenas uma das torturas às quais a mulher também era submetida. Figura submissa, ela percebe o amor contido que Garcia cultivava por ela. A recíproca parecia ser verdadeira, mas tudo isso teve de ser abafado perante a figura do marido, que impunha medo.

Mas a ironia maior em relação à Maria Luísa ocorre quando esta descobre que está com tuberculose. O marido, muito “solidário” dedica-se totalmente à cura da mulher, mas nada adianta e ela vem a falecer. Apesar de ter sido tão “cuidadoso” e “dedicado”, Fortunato explode de felicidade ao ver que Garcia estava sofrendo pela perda de Maria Luísa e descobre então o delicioso gosto pela dor moral, a sua causa mais secreta.

## **SEM LEVANTAR BANDEIRAS**

Na presente abordagem, procurou-se analisar de que forma a ironia se faz presente no conto “A causa secreta”, através das ações do personagem Fortunato, que aparenta ser um homem extremamente solidário mas que, na verdade, esconde um lado sádico. Para tanto, entendeu-se como fundamento da análise a concepção de ironia como um aspecto que não pretende levar a conclusões e sim promover reflexões, em especial sobre a própria condição humana de imperfeição.

Dessa maneira, é possível entender que através da narrativa analisada, o leitor pode ser instigado a pensar sobre o seu próprio *status* enquanto ser humano. O personagem Fortunato apresenta-se como uma espécie de bode expiatório de alguns dos defeitos da humanidade. Através da ironia configurada nas atitudes dele, os leitores são convidados a refletir sobre

suas próprias ações, o quanto são contraditórios em muitos de seus atos e como esses fatos, em geral, passam despercebidos.

O leitor que “incomoda-se” com os atos de Fortunato é levado a perceber que também pratica ações perversas, em maior ou menor grau que as descritas no conto, em seu cotidiano. Dessa maneira, censurar as atitudes desse personagem é criticar sua própria forma de ser e só a partir desse reconhecimento é que poderá ser iniciado algum trabalho de autoconhecimento.

## **SOLIDARITY AND APPEARANCE OF SOLIDARITY: THE IRONY IN THE STORY THE SECRET CAUSE**

### **ABSTRACT**

This paper analyses the short story “The secret cause” by Machado de Assis, whose plot revolves around the character Fortunato, that shows himself as a very solidary figure in the presence of others, but in fact, this abnegation manifests itself as a great irony throughout the text. Firstly, the solidarity subject is approached under the prism of different visions, from the Christian concept to some approaches of current society for this subject, observing the presence of this feeling in the actions of the character Fortunato. Next, the irony subject and its presence in literature is developed, as well as its implications in Machado’s work and, specially, in the studied story. Later, a brief approach is presented on sadism, its concepts and its relation to the “secret cause” in the story. From then on, it is studied the relation of being the issue of solidarity only an appearance, used to hide sadism, that would be the central element of psychological constitution of the character Fortunato. To conclude, it’s shown possible reflections in relation to human being condition that can be proportionate from the reading of “the secret cause”, evidencing the incompleteness of human being that, being recognized and accepted for the reader, will be able to lead to a self-knowledge work.

**Keywords:** Solidarity. Irony. Machado de Assis.

### **NOTA**

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1979, 183 p.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução de Luiz Inácio Stadelmann. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 2022.

COMPTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 392 p.

KIERKEGAARD, Sooren Aabye. *O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates*. 2. ed. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005, 283 p.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa em três volumes: v. II*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

MUECKE, D.C. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995, 134 p.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 331 p.